



Praticando com representações brutas¹

Danilo Patutti

Março de 2017

Graças ao ensinamento de Epicteto pude experimentar um inesperado assalto de um modo diferente. Diante da situação haviam apenas duas opções: reagir ou não reagir. Não luto arte marcial, nem defesa pessoal e menos ainda sei manejar armas ou mesmo as possuo. Diante da segurança de si e da tranquilidade com que os assaltantes seguravam suas armas e nos mantinham reféns em nossa própria casa, era bastante claro que eles estavam muito preparados para responder “adequadamente” aos efeitos das suas ações, caso a polícia chegasse ou alguém reagisse. Evidentemente e imediatamente decidi não reagir, e assim concluí, justificando a minha passividade (apenas para não usar como justificativa o fato de estar tremendo de medo).

Não fiquei completamente passivo, se entendermos como ações aquelas atividades do espírito através das quais Epicteto nos ensina a liberdade e a tranquilidade interior. A minha escolha era não reagir e simplesmente esperar o fim daquele evento terrível. Decidi esperar praticando o ensinamento desse filósofo. Estava incomodadíssimo, pois fortes paixões nasciam e arrastavam desordenadamente os meus pensamentos, provocando alternadamente sensações de frio e de calor, suor e tremor. Percebi claramente um apego à vida. Não pedi para nascer e muito menos peço para morrer. A mortalidade é um fato, tudo bem, mas não desejo morrer violentamente pelas mãos de um humano que se julga no direito de violentar outros: inaceitável. Contudo, encontrava-me exatamente nessa situação onde as chances de morrer desse

¹ O texto retrata uma experiência verídica, contudo a elaboração do presente trabalho foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

modo eram grandes: o único pensamento forte o suficiente para imputar ordem à minha *psicomachia* era a escolha entre morrer como um *Ser humano* ou como um cão lamentoso arrastado pela Morte.

Decidi não lutar contra a circunstância imposta sobre mim, portanto não poderia sentir aversão àquilo que independentemente da minha vontade me subjugava. Por outro lado, *sabia* que poderia experimentar a situação em um outro estado psíquico, mais tranquilo e até com certo grau de satisfação. As paixões eram fortíssimas e a desordem psíquica enorme.

Repetidamente refiz o seguinte raciocínio, segundo os princípios que o Mestre estoico nos ensinou: “Esta circunstância independe da minha escolha, não sei como ela vai terminar e isso também não depende de mim. O meu estado psíquico depende de mim e eu quero agora relaxar. Não preciso sentir aversão por essa violência, mas posso aceitá-la, nem gostar e nem não-gostar dela. Tais coisas existem: pessoas violentam pessoas, e agora experimento uma situação dessas, quer goste, quer não goste. O que agora depende de mim? A minha atenção, o meu estado psíquico. O que se passa exteriormente? Um assalto: dezesseis pessoas da minha família reféns de três homens armados. Há crianças, mulheres, homens e anciãos. Quais são os possíveis desdobramentos desse evento? (i) Ninguém sofrer nenhuma violência física e os assaltantes irem embora depois de satisfeitos; (ii) eu ser assassinado; (iii) algum familiar que está aqui nessa sala ser assassinado na minha frente; (iv) alguma mulher que está aqui nessa sala ser estuprada na minha frente. Essa situação possui apenas quatro resultados possíveis. Os três últimos são os piores resultados que podem ocorrer. Preciso me preparar para suportá-los caso ocorram”.

Este foi o raciocínio com o qual enfrentei minha desordem psíquica e me esforcei para compreender e aceitar o que se passava naquele momento: um assalto. O raciocínio continuou mais ou menos assim: “Preciso me preparar para qualquer desenrolar e para suportar como um *Homem* essa situação e não enlouquecer. Se tudo acabar bem, ótimo, mas não posso continuar desejando isso, pois isto não depende de mim. Também não posso continuar sentindo aversão por qualquer violência que ocorra, pois também não depende de mim. Preciso me preparar para morrer violentamente, ou para ver alguma pessoa que amo ser assassinada na minha frente ou mesmo estuprada”. Repetia esse

raciocínio incansavelmente, tal como uma oração ou um mantra: durante quase três horas pensei somente nisso.

Enquanto pensava dessa forma, recolhia minha atenção sobre mim mesmo e observava como algumas tensões do meu corpo lentamente se relaxavam e meu estado interior se acalmava: começava a aceitar a minha situação. Enquanto pensava assim, corria os olhos sobre os meus familiares presos comigo na sala de casa e previa, imaginando que, talvez, alguma dessas pessoas seria assassinada na minha frente ou abusada, ou elas me veriam ser assassinado e que, depois disso, a vida continuaria e cada um teria de lidar com aquilo para o resto da vida. Não queria estar naquela situação, mas o conjunto das circunstâncias cósmicas me submeteu àquilo. Logo, procurava aceitar – “Seja feita a Vossa Vontade” – passou pela minha cabeça, enquanto olhava para os meus familiares que certamente rezavam em silêncio.

Aceitar a vida tal como ela é e confiar na Providência Divina tal como fez Epicteto não é para todo mundo – é, na verdade, para *pouquíssimos*. Independente ou não do sentimento religioso por trás das palavras de Epicteto, ficou claro para mim a *força* que emerge quando uma atitude tão radical é realizada: porque *verdadeira*. Afinal, confiando ou não na Providência – no rio da ordem cósmica –, estamos submetidos a fatos e circunstâncias muito maiores do que as nossas forças para mudá-las, embora, ao mesmo tempo, fica claro que somos mais fortes do que imaginamos, pois basta que enxerguemos as coisas *tais como elas são* segundo a regra fundamenta de vida. A piedade de Epicteto talvez seja, pura e simplesmente, *sentimento* e não mais um tipo de sentimento religioso, como gostamos de categorizar tudo. Esse sentimento parece ser resultado de uma ligação harmoniosa entre o psiquismo individual e a ordem natural das coisas. É coisa simples, mas não é pouca coisa, pois exige sacrifícios enormes quanto às nossas crenças mais deliciosas e dos nossos apegos mais enraizados.

Abrir-se para a Vida exige grande quantidade de energia do espírito, um verdadeiro e um contínuo trabalho interior. Graças ao ensinamento de Epicteto, pude experimentar um evento bruto como algo natural da vida, evitando juízos precipitados, realizando o meu desejo e evitando a minha aversão. Aprendi a lição de que a melhor forma para se abrir à Vida é através da atenção e do desprendimento, pois juntos liberam uma força *inestimável*. Inclusive, por

alguns *instantes*, experimentei uma calma muito grande e pude até sorrir, enquanto olhava para aquela cena absurda e irracional e via claramente, nada mais, nada menos, do que “barro roubando barro”, como diria o Mestre.